

ALFRED W. CROSBY

IMPERIALISMO ECOLÓGICO

*A expansão biológica da Europa
900-1900*

Tradução

José Augusto Ribeiro
Carlos Afonso Malferrari



Copyright © 1986 by Cambridge University Press
Publicado pelo The Press Syndicate of the University of Cambridge em 1986
Traduzido da reimpressão de 1991

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Ecological imperialism

The biological expansion of Europe, 900-1900

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Maria Cristina Guimarães Aranyi

Revisão

Juliane Kaori

Renato Potenza Rodrigues

Índice remissivo

Gabriela Morandini

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Crosby, Alfred W.

Imperialismo ecológico : a expansão biológica da Europa,
900-1900 / Alfred W. Crosby ; tradução José Augusto Ribeiro, Carlos
Afonso Malferrari. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Ecological imperialism : the biological
expansion of Europe, 900-1900

Bibliografia

ISBN 978-85-359-1859-5

1. Biogeografia 2. Ecologia humana 3. Europeus — Migração
4. Geografia humana 1. Título.

11-03971

CDD -304.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Europa : Expansão biológica : Ecologia humana 304.2

2011

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacia.com.br

*Para
Julia e James Traue
e para a equipe da
Biblioteca Alexander Turnbull
(Wellington, Nova Zelândia)*

SUMÁRIO

Agradecimentos	11
1. Prólogo	13
2. Revisitando a Pangeia: o Neolítico reconsiderado	20
3. Os escandinavos e os cruzados	53
4. As ilhas Afortunadas	82
5. Ventos	115
6. Fácil de alcançar, difícil de agarrar	143
7. Ervas	155
8. Animais	181
9. Doenças	205
10. Nova Zelândia	226
11. Explicações	280
12. Conclusão	305
Apêndice: O que foi a “varíola” de Nova Gales do Sul em 1789?	319
Notas	321
Índice remissivo	366
Sobre o autor	375

Os descobrimentos da América e da passagem para as Índias pelo cabo da Boa Esperança são os dois maiores e mais importantes eventos registrados na história da humanidade.

ADAM SMITH, *Wealth of nations* (1776)

Contudo, se empunharmos a espada do extermínio à medida que avançarmos, não teremos direito de lamentar a devastação.

CHARLES LYELL, *Principles of geology* (1832)

Onde quer que o europeu tenha andado, a morte parece ter perseguido o aborígene. Podemos olhar para a larga extensão das Américas, da Polinésia, do cabo da Boa Esperança e da Austrália, e encontraremos o mesmo resultado.

CHARLES DARWIN, *The voyage of the “Beagle”* (1839)

O descobrimento da América e a ultrapassagem do cabo abriram novo campo para a burguesia em ascensão. Os mercados das Índias orientais e da China, a colonização da América, o comércio com as colônias, o incremento dos meios de troca e, em geral, das matérias-primas deram ao comércio, à navegação e à indústria um impulso jamais conhecido antes, e, daí, um rápido avanço ao elemento revolucionário na cambaleante sociedade feudal.

KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS, *Manifesto do Partido Comunista* (1848)

1. PRÓLOGO

Deem-me a pena de um condor! Façam-me de tinteiro a cratera do Vesúvio! Amigos, sustentem meus braços!

Herman Melville, *Moby Dick*

OS EMIGRANTES EUROPEUS e seus descendentes estão em toda parte, e isso exige uma explicação.

Mais que qualquer outra, é difícil explicar a distribuição pelo mundo dessa subdivisão da espécie humana. A localização das outras subdivisões faz sentido — sentido que é óbvio. É na Ásia que vive a maior parte das muitas variedades de asiáticos. Os africanos negros vivem em três continentes, mas a maioria concentra-se nas latitudes originais, os trópicos, situando-se face a face com o oceano de permeio. Os ameríndios, com poucas exceções, vivem nas Américas e praticamente todos os aborígenes australianos habitam a Austrália. Os esquimós vivem nas terras circumpolares, e os melanésios, polinésios e micronésios espalham-se por ilhas de um só oceano, por maior que seja este. Todos esses povos expandiram-se geograficamente — cometeram, se assim quisermos, atos de imperialismo —, mas expandiram-se por áreas adjacentes ou pelo menos próximas àquelas em que já viviam, ou, no caso dos povos do Pacífico, foram para a ilha mais próxima e desta para a seguinte, não importa quantos quilômetros de água houvesse entre uma e outra. Os europeus, ao contrário, parecem ter brincado de pular carniça por todos os quadrantes do globo.

Os europeus — uma divisão dos caucasianos cuja principal característica é o desenvolvimento tecnológico e o comportamento político, muito mais que qualquer traço físico — vivem em grande número e em blocos compactos no Norte da Eurásia, do Atlântico ao Pacífico. Eles ocupam um território muito maior do que ocupavam há um milênio ou mesmo há quinhen-

tos anos, mas essa é a parte do mundo em que viveram ao longo de sua história registrada, e daí se expandiram de modo tradicional, para áreas contíguas. Eles também compõem a grande maioria da população do que chamaremos as Neoeuropas, terras distantes milhares de quilômetros da Europa e igualmente distantes umas das outras. A população da Austrália é quase toda de origem europeia; a da Nova Zelândia, cerca de nove décimos europeia. Nas Américas ao norte do México existem minorias consideráveis de afro-americanos e *mestizos* (cômoda expressão hispano-americana que usarei para designar a miscigenação ameríndia e branca), mas passa de 80% a proporção de habitantes de ascendência europeia. Nas Américas ao sul do trópico de Capricórnio, a população também é predominantemente branca. São de origem europeia 85 a 95% dos habitantes dos três estados mais meridionais do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). No Uruguai, contíguo ao Rio Grande do Sul, a proporção é também, aproximadamente, de nove décimos de brancos. Quanto à Argentina, algumas estimativas a avaliam como 90% e outras como 100% europeia. Em contraste, a população do Chile é apenas um terço europeia; quase todos os outros chilenos são *mestizos*. Mas se considerarmos todos os povos dessa grande fatia do continente que desce do trópico de Capricórnio em direção ao polo sul, veremos que a grande maioria de seus habitantes se compõe de europeus. Mesmo que aceitemos as estimativas mais altas quanto ao número de *mestizos*, de afro-americanos e ameríndios, serão de origem inteiramente europeia três de cada quatro pessoas da região temperada da América do Sul.¹ Para usar um termo da apicultura, os europeus enxamearam vezes seguidas e escolheram novos lares como se cada enxame fosse fisicamente repelido pelos demais.

As Neoeuropas são intrigantes, mas não só pela desarmônia entre sua localização e a identidade cultural da maioria de seus habitantes. Essas terras atraem a atenção, o firme e invejoso olhar da maior parte da humanidade, devido a seus excedentes de alimentos. Elas constituem a maioria das poucas

nações do mundo que sistematicamente, década após década, exportam grande quantidade de alimentos. Em 1982, o valor total das exportações agrícolas no mundo, de todos os produtos agrícolas que atravessaram fronteiras nacionais, foi de 210 bilhões de dólares. Desse valor, o Canadá, os Estados Unidos, a Argentina, o Uruguai, a Austrália e a Nova Zelândia responderam por 64 bilhões de dólares — pouco mais de 30%, total e percentagem que seriam ainda mais altos se acrescidos das exportações do Sul do Brasil. Foi ainda maior a participação das Neoeuropas nas exportações de trigo, o mais importante produto agrícola do comércio internacional. Em 1982, de 18 bilhões de dólares em trigo que cruzaram fronteiras nacionais, as Neoeuropas exportaram cerca de 13 bilhões. No mesmo ano, as exportações mundiais de um cereal rico em proteínas como a soja, o mais importante dos novos produtos do comércio internacional de alimentos desde a Segunda Guerra Mundial, somaram 7 bilhões de dólares, dos quais 6,3 bilhões exportados pelos Estados Unidos e pelo Canadá. As Neoeuropas lideram também as exportações de carne bovina e ovina, fresca, resfriada e congelada, assim como de vários outros alimentos. Sua participação no comércio internacional dos produtos mais vitais e mais importantes do setor alimentício é muito maior que a participação do Oriente Médio nas exportações de petróleo.²

Esse papel dominante das Neoeuropas no comércio internacional de alimentos não é questão apenas de produtividade bruta. A União Soviética habitualmente lidera a produção mundial de trigo, aveia, cevada, centeio, batata, leite, carne de carneiro, açúcar e vários outros alimentos. A China produz mais arroz e painço que qualquer outro país e é o que dispõe do maior rebanho suíno. Em termos de produtividade por área, alguns países batem as Neoeuropas, cujos agricultores, pouco numerosos mas superiores em tecnologia, especializam-se mais na agricultura extensiva que na intensiva. Sua produtividade por agricultor é enorme, mas a produtividade por hectare não impressiona tanto. Essas regiões ocupam no mundo o primeiro

lugar na produção de alimentos *em relação ao volume consumido localmente*, ou, dito de outro modo, na produção de excedentes exportáveis. Para citar um exemplo extremo, os Estados Unidos, em 1982, colheram uma porcentagem minúscula do arroz produzido no mundo, mas responderam por um quinto de todas as exportações de arroz, vendendo mais que qualquer outro país.³

Voltaremos a discutir a produtividade das Neoeuropas no último capítulo, mas agora vamos tratar da propensão dos europeus a emigrar para regiões ultramarinas, uma de suas características mais marcantes e das que mais têm a ver com a produtividade da agricultura neoeuropeia. Os europeus foram compreensivelmente lentos no deixar a segurança da terra-mãe. As populações das Neoeuropas só começaram a tornar-se tão brancas quanto hoje bem depois que Cabot, Magalhães e outros navegadores chegaram às novas terras, e muitos anos passados da instalação dos primeiros colonos brancos. Em 1800, em seguida a quase dois séculos de bem-sucedida colonização europeia, e embora fosse sob todos os aspectos a mais atraente das Neoeuropas para os imigrantes europeus, os Estados Unidos tinham uma população de menos de 5 milhões de brancos, além de cerca de 1 milhão de negros.⁴ A América do Sul meridional, depois de mais de duzentos anos de ocupação europeia, era ainda mais retardatária, e dispunha de menos de meio milhão de brancos. A Austrália tinha apenas 10 mil e a Nova Zelândia ainda era um país maori.⁵

Veio então o dilúvio. De 1820 a 1930, bem mais de 50 milhões de europeus emigraram para as terras neoeuropeias no ultramar. Esse número corresponde a aproximadamente um quinto de toda a população da Europa no início desse período.⁶ Por que um tão imenso movimento de gente atravessando tais distâncias? As condições de vida na Europa forneceram impulso considerável — explosão populacional com a resultante escassez de terra cultivável, rivalidades nacionais, perseguição às minorias — e a utilização da energia do vapor nas viagens oceânicas e terrestres evidentemente facilitaram as migrações de longa dis-

tância. Mas quais eram, e de que natureza, as forças de atração das Neoeuropas? Naturalmente eram muitas e variavam conforme a região dessas terras recém-encontradas. Mas em todas essas regiões, dando-lhes cor e forma capazes de persuadir qualquer homem sensato a investir seu capital e mesmo a vida de toda a família em alguma aventura neoeuropeia, havia o denominador comum de fatores que talvez devam ser designados como biogeográficos.

Comecemos por aplicar ao problema o que chamo a técnica Dupin, inspirada no detetive de Edgar Allan Poe, C. Auguste Dupin, que descobriu a inestimável “Carta oculta”, não escondida na encadernação de um livro ou numa perfuração invisível no pé de uma cadeira, mas sim onde qualquer um podiavê-la, num porta-cartas. Uma descrição dessa técnica, uma espécie de corolário da navalha de Ockam,* diz o seguinte: faça perguntas simples, porque as respostas a perguntas complicadas provavelmente serão complicadas demais para podermos testá-las, e, pior ainda, fascinantes demais para desistirmos delas.

Onde ficam as Neoeuropas? Geograficamente, elas estão espalhadas, mas todas se situam em latitudes similares. Pelo menos dois terços delas, se não a sua totalidade, encontram-se nas zonas temperadas dos hemisférios norte e sul, o que significa que elas têm, *grosso modo*, o mesmo clima. As plantas das quais os europeus sempre dependeram para obter alimento e fibras, e os animais provedores também de alimento e fibras, e ainda de energia, couro, ossos e adubo, costumavam dar-se bem nos climas não muito quentes, com a precipitação anual de cinquenta a 150 centímetros de chuva. Essas condições são características

* “Navalha de Ockam” é a expressão pela qual ficou conhecida uma das proposições filosóficas de Guilherme de Ockam (1285-1349), religioso franciscano inglês, fundador do nominalismo e o mais importante pensador europeu do século XIV. Para eliminar muitas entidades concebidas pelos filósofos escolásticos a fim de explicar a realidade, Ockam sustentou que, na ordem do universo, “a pluralidade não deve ser assumida sem necessidade”. A navalha de Ockam cortou, assim, algumas invenções metafísicas. (N. T.)

de todas as Neoeuropas, ou pelo menos das partes férteis em que os europeus se instalaram densamente. Seria de esperar que os ingleses, os espanhóis e os alemães fossem atraídos sobretudo por lugares onde o trigo e o gado se desenvolveriam bem, o que de fato veio a acontecer.

As Neoeuropas localizam-se sobretudo em zonas temperadas, mas suas biotas nativas são claramente diversas umas das outras, e cada uma delas é diferente da biota da Eurásia setentrional. Esse contraste torna-se gritante quando reparamos em alguns dos principais animais de pasto de, digamos, mil anos atrás. O gado europeu, o búfalo norte-americano,⁷ a lhama sul-americana, o canguru da Austrália e o pássaro moa da Nova Zelândia (de três metros de altura e agora, infelizmente, extinto) não eram propriamente irmãos. Os parentes mais próximos, o boi e o búfalo, não passavam de primos distantes; e mesmo o búfalo e seu mais próximo parente do Velho Mundo, o raro bisão europeu, são de espécies diferentes. Às vezes os colonizadores europeus achavam a flora e a fauna neoeuropeia insuportavelmente bizarras. Na Austrália da década de 1830, J. Martin queixou-se de que

as árvores retinham as folhas e soltavam a casca, os cisnes eram pretos, as águias, brancas, as abelhas, sem ferrão, alguns mamíferos tinham bolsas, outros punham ovos, e, além de ser mais quente nas colinas e mais frio nos vales, até as amoras-pretas eram vermelhas.⁸

Há, aqui, um paradoxo que impressiona. As partes do mundo que hoje, em termos de população e cultura, mais se parecem com a Europa estão muito longe dela — na verdade, do outro lado de um oceano. Embora tenham clima semelhante ao da Europa, sua fauna e sua flora originais são diferentes da fauna e da flora europeias. As regiões que hoje mais exportam alimentos de origem europeia — cereais e carnes — não tinham, há apenas quinhentos anos, trigo, cevada, centeio, gado, porcos, carneiros ou mesmo cabras.

A solução desse paradoxo é simples de enunciar, embora difícil de explicar. A América do Norte, a parte meridional da América do Sul, a Austrália e a Nova Zelândia ficam longe da Europa em termos de distância, mas têm clima semelhante, e a fauna e a flora europeias podem prosperar nessas regiões se não enfrentarem competição muito feroz. Em geral, a competição tem sido suave. Nos pampas, os cavalos ibéricos e o gado expulsaram a lhama e a ema; na América do Norte, povos de línguas indo-europeias impuseram-se a povos que falavam o algonquino, o muskhogean e outros idiomas ameríndios; nos antípodas, os dentes-de-leão e os gatos domésticos avançaram, enquanto recuavam o quivi e o canguru. Por quê? Talvez o ser humano europeu tenha triunfado por sua superioridade em armas, organização e fanatismo, mas qual é a razão pela qual o sol jamais se põe sobre o império do dente-de-leão? Talvez o êxito do imperialismo europeu tenha um componente biológico, ecológico.